

## A INDISCIPLINA SEGUNDO A COMPREENSÃO DOS EDUCADORES

### INDISCIPLINE ACCORDING TO THE UNDERSTANDING OF EDUCATORS

Ana Patrícia Pires NALESSO<sup>5</sup>

Priscila SEMZEZEM<sup>6</sup>

---

**RESUMO:** Considerando que o espaço escolar hoje se configura em um espaço de conflitos que, por vezes expressa estes conflitos na forma de violência, onde a questão da indisciplina é apontada como um dos elementos mais difíceis de serem superados, o presente texto aborda a configuração e as possíveis causas e soluções da indisciplina no espaço escolar a partir da compreensão dos educadores das escolas públicas e privadas do município de Mandaguaçu-Paraná. O trabalho se constitui em duas etapas: na primeira apresenta-se o resgate de escritos de autores para compreensão do poder disciplinar e como ele age nos espaços escolares; a segunda etapa constitui-se pela apresentação e análises dos dados da pesquisa de campo realizada junto aos educadores da região central de Mandaguaçu de escolas públicas e privadas. Assim, percebe-se que, em relação à indisciplina, há mais semelhanças que diferenças entre as concepções dos educadores das escolas públicas e privadas. Em ambas, a indisciplina é entendida como qualquer ação que não se enquadra nas normas e regras estabelecidas, e suas causas são identificadas pelos sujeitos da pesquisa como externas ao espaço escolar, localizando-se principalmente na família.

**Palavras-chave:** Escola. Poder disciplinar. Indisciplina escolar.

---

---

5 Mestre em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora do Departamento de Serviço Social da FAFIPA – Faculdade de Ciências e Letras de Paranavaí e pesquisadora convidada do CESUMAR – Centro Universitário de Maringá.

E-mail: apatriciapn@hotmail.com

6 Graduada pelo Cesumar - Centro Universitário de Maringá, Professora do curso de Serviço Social da UNIFAMMA – Faculdade Metropolitana de Maringá.

E-mail: priscilasemzezem@hotmail.com

**ABSTRACT:** Whereas the school today turned out an area of conflict often expressed in form of violence, the issue of indiscipline is singled out as one of the most difficult to overcome. This article discusses the configuration and the possible causes and solutions of indiscipline in the school from the understanding of educators from public and private schools in the city of Mandaguaçu / Paraná. This thesis consists of two stages, the first shows the rescue of writings of authors for understanding of disciplinary power, and how he acts on school area. The second stage is constituted by the presentation and analysis of data from field research conducted with educators in central Mandaguaçu / Pr of public and private schools. Thus, we think that in relation to indiscipline there are more similarities than differences between the ideas of educators from public and private schools. In both, the discipline is understood as any action that falls outside the norms and rules, and the causes are identified by the research subjects as external to the school, and are located mainly in the family. **Key words:** School. Disciplinary power. Undisciplined school.

---

## **Introdução**

O espaço escolar hoje é palco de diferentes conflitos. Professores, alunos, pais estão todos reféns das manifestações de indisciplina e a vivência de situações inesperadas ou indesejadas vinculadas a ações violentas, já fazem parte do cotidiano das escolas .

Toda esta dinâmica dificulta e, muitas vezes, inviabiliza o processo de aprendizagem, educadores buscam alternativas para uma condição crítica, que é a impossibilidade de ensinar devido às constantes manifestações da indisciplina. Neste movimento, os educadores se percebem impotentes e amedrontados e acabam por identificar diferentes ações como ações indisciplinadas, vendo ameaças qualquer atitude diferente, o que gera, por vezes, respostas mais violentas, aumentando a tensão.

Ao considerarmos que as instituições escolares são habitadas por diferentes sujeitos e que são estes que as constroem, toda busca de saída para a atual configuração do espaço escolar deve partir da vivência e compreensão que professores e alunos possuem do cotidiano escolar.

Frente a esta questão, o presente estudo buscou identificar a compreensão sobre indisciplina dos profissionais que atuam no espaço escolar do município de Mandaguá-Pr sobre indisciplina. Entendendo que os espaços do ensino público e do ensino privado guardam em si diferenças não só na estruturação do processo de aprendizagem, mas, também, em relação à origem de classe dos estudantes, buscamos identificar as semelhanças e diferenças das concepções de indisciplina dos profissionais que atuam nos espaços escolares, nas modalidades pública e privada, e perceber como estes compreendem a possibilidade da superação da indisciplina no espaço escolar.

Para tanto, realizamos, primeiramente, uma pesquisa bibliográfica, buscando entender como o poder disciplinar atua na sociedade e, em seguida, realizamos uma pesquisa de campo com educadores.

## **1 A disciplina**

Percebe-se, através da mídia ou mesmo do contato com educadores e alunos, que o espaço escolar mudou, e deixou de ser uma referência de segurança; ao contrário, os sujeitos que habitam este espaço se sentem, muitas vezes, amedrontados e impotentes diante das situações que se colocam no cotidiano das escolas e que, de maneira geral, são chamadas ações indisciplinadas. Desta forma, a discussão sobre indisciplina em destaque está relacionada às causas e às formas de trabalhar com as manifestações de indisciplina. As muitas ações que ocorrem no espaço escolar são chamadas de indisciplina, o que leva a uma generalização do termo que, muitas vezes, é usado para ações extremamente diferentes.

Para que possamos entender o que é disciplina, é necessário antes entendermos o que significa o poder, uma vez que ela é utilizada enquanto poder de controle da vida dos sujeitos.

O poder não existe em si mesmo, ele só existe enquanto uma relação que forma a realidade dos indivíduos, estando presente em todos os momentos da vida destes e é por isso que ele funciona:

[...] o poder não existe; existem sim práticas ou relações de poder. O que significa dizer que o poder é algo que se exerce, que efetua, que funciona [...]. (MACHADO, 1979, p. XIV).

Sendo o poder uma prática, ele tem por objetivo trabalhar o corpo dos indivíduos, este é o poder:

[...] este que intervém materialmente, atingindo a realidade mais concreta dos indivíduos – o seu corpo – e que se situa ao nível do próprio corpo social não acima ele, penetrando na vida cotidiana. (MACHADO, 1979, p. XII).

O poder tem por finalidade trabalhar o corpo do indivíduo, esquadrinhando-o, normalizando-o de forma que acaba fazendo parte da vida dele por meio de regras e normas.

A disciplina é o poder exercido nesta sociedade e como tal possui características particulares.

Em qualquer sociedade, o corpo está preso a poderes que impõem limitações, proibições ou obrigações. Os métodos que permitem o controle das operações do corpo realizam a sujeição constante das forças e impõem uma relação de docilidade e utilidade e é neste contexto que a disciplina se configura (FOUCAULT, 1987).

O poder disciplinar está presente no cotidiano do indivíduo; as instituições como a escola, a família, o hospital detêm os fios, as malhas deste poder. A escola especialmente tem efetivado este poder, já que a disciplina opera na escola como uma forma de normalizar e moldar os indivíduos, de forma que sejam rentáveis economicamente, criando uma relação de utilidade e docilidade. Desta forma, analisaremos as características deste poder e como ele se manifesta nas instituições de ensino.

## **2 Escola enquanto espaço de poder disciplinar**

A escola é considerada um local fechado, com papéis determinados, produzindo poder contínuo e permanente sobre todos os sujeitos, estes por sua vez são submetidos a normas e controle deste espaço. Neste sentido, a escola é um local que produz saber a partir

do poder disciplinar, aceito e praticado por todos (GUIMARÃES, 1988).

A disciplina ocorre por meio de métodos que permitem o controle minucioso do corpo e lhe impõem a docilidade e utilidade. Guimarães afirma: “Na escola esse controle minucioso do corpo ocorre através dos exercícios de esquadramento do tempo, do espaço, dos movimentos, gestos e atitudes, fabricando corpos submissos, exercitados e dóceis” (1988, p. 28).

O poder disciplinar possui mecanismos de controle dos indivíduos, sendo eles: a organização do espaço, o controle do tempo, a vigilância, o exame, os registros e finalmente a punição. Faremos uma relação destes nos espaços escolares, para melhor compreensão do nosso estudo, referente à indisciplina e disciplina escolar.

A classificação em que o sujeito se encontra é muito importante para o poder disciplinar. Na escola esta classificação é realizada por meio do lugar que o indivíduo ocupa na série, pela posição nas filas, pelas tarefas, provas. Esta forma de classificação individualiza os sujeitos, como afirma Guimarães:

A escola ao dividir-se em séries, em graus, salienta as diferenças individuais, recompensando aqueles que se sujeitam aos movimentos regulares que o sistema escolar impõe e punindo aqueles que não obtêm sucesso, ou que se rebelam contra essa exigência de passagem hierarquizante de uma série a outra. (1988, p. 39).

O aluno ocupa um lugar determinado no espaço e isso permite saber onde ele está e como encontrá-lo, possibilitando o controle efetivo dos alunos. (GUIMARÃES, 1988).

Segundo Guimarães, a divisão do tempo nas instituições escolares impõe regularidade e ritmos às atividades executadas. Os gestos são ajustados aos corpos, com determinação e ordem. Nestes espaços a utilização do tempo é intensificada, todo o tempo é ocupado com atividades, com um ritmo determinado e há o emprego da rapidez na passagem de uma operação a outra. Com estes mecanismos o corpo está em treinamento útil, manipulado pela autoridade, e

por meio da vigilância e do controle adquire novas formas de saber (GUIMARÃES, 1988).

O tempo é marcado e deve ser utilizado intensamente; o aluno deve ser rápido no cumprimento das atividades estabelecidas, o tempo disciplinar separa os programas e os exercícios são estabelecidos de acordo com o grau de dificuldade, ou seja, de forma crescente:

O tempo disciplinar separa, por exemplo, programas que devem desenrolar-se cada um durante uma determinada fase da educação e que comportam exercícios de dificuldade crescente. Qualifica também os indivíduos de acordo com a maneira como percorrem várias etapas e põe em ‘série’ os exercícios com seus vários graus de dificuldade. [...]. (BALEN, 1983, p. 86).

O corpo é definido a partir do lugar que ele ocupa e o seu tempo deve ser ajustado a todos que ocupam o mesmo lugar. esta combinação produz ótimos resultados e significa a arte de compor forças para ter um aparelho eficiente, como afirma Guimarães:

A disciplina é a arte de compor forças para obter um aparelho eficiente. Primeiramente o corpo é reduzido a sua funcionalidade. O que define o corpo é o lugar que ele ocupa, a sua regularidade, a ordem com que opera. Segundo, o tempo de uns deve ajustar-se ao tempo de outros, extraindo-se a máxima quantidade de forças de cada um e combinado-as num ótimo resultado. (1988, p. 34).

Além de estar delimitado ao tempo, o corpo deve estabelecer uma relação com seus atos, ou seja, o corpo nunca deve estar parado, ocioso ou inútil: “Procura-se tornar o ato cada vez mais eficaz e rápido, assim nada fica ocioso ou inútil: tudo deve ser chamado a formar o suporte do ato requerido. Um corpo bem disciplinado forma o contexto de realização do mínimo gesto, no mínimo de tempo disponível” (BALEN, 1983, p. 87).

A escola intensifica a utilização do tempo e a organização do espaço, determinações estas que fazem com que o indivíduo tenha o



comportamento desejado, com o mecanismo da vigilância constante obtêm-se corpos dóceis, como afirma Balen:

[...] a escola foi disposta como um aparelho (a máquina de ensino) para intensificar a utilização do tempo e sua organização do espaço interno permite ligá-lo com o comportamento do ato desejado. Essa forma somente é possível sob o olhar permanente do vigilante. É um investimento sobre a totalidade da vida dos escolares, para que se obtenha a transformação desejada para tornar os corpos dóceis é preciso que eles sejam vistos a cada instante do dia (e da noite). Nada deve escapar ao poderoso olhar tudo e que penetra no interior dos corpos. (1983, p. 88- 89).

Diante desta configuração, a escola não serve apenas para ensinar os indivíduos, mas também para vigiar os seus comportamentos, atitudes, gestos, tempo etc, e todos participam para, assim, proporcionar a ordem entre eles, como descreve Guimarães:

A escola passa a se constituir num observatório político, num aparelho que permite o conhecimento, o controle perpétuo de sua população através do corpo docente, dos diretores, dos funcionários e dos próprios alunos. Delimitando os papéis a escola ensina a delação. É muito comum alunos considerados “bonzinhos” deletarem os “outros” que conversam muito, fazem agitação, depredam o prédio escolar etc. (GUIMARÃES, 1988, p. 39).

Os gestos, as atitudes são observados, permitindo conhecer quem é quem por meio da vigilância pode-se classificar, selecionar, esquadrihar todos os sujeitos que participam da escola (GUIMARÃES, 1988).

Neste sentido, a escola é um local de vigilância e de conhecimento, onde o registro possibilita distinguir os alunos, estabelecendo suas classificações. Foucault citado por Guimarães (1988, p. 35):

A escola também é um local de observação em dois sentidos: no de vigilância e no de conhecimento de cada aluno, de seu comportamento, disposições e progressivas melhoras.

Isto implica em: manter os alunos sob um olhar permanente e registrar, contabilizar todas as observações e anotações sobre eles, trabalho esse que permite anotar os desempenhos (boletins individuais, modelos uniformes, onde se inscrevem observações sobre cada um), perceber aptidões, estabelecer classificações rigorosas consideradas em relação a uma evolução “normal”, distinguindo o que é ‘preguiça e teimosia’ do que é ‘imbecilidade incurável’.

O exame é o mecanismo do poder disciplinar que permite a visualização da comparação de cada um dos alunos com todos no geral, e por meio do registro se tem a possibilidade de medi-los e sancioná-los. Nos espaços escolares abrem-se duas possibilidades de análise:

- a) a constituição do aluno como objeto descritível, mantendo seus traços singulares, sua evolução particular, sua aptidões, sob o controle de um saber permanente.
- b) a formação de um sistema comparativo que permite a descrição de grupos, a caracterização de fatos coletivos, a estimativa de desvios dos indivíduos entre si. (GUIMARÃES, 1988, p. 38).

Todos são submetidos às mesmas regras e normas, e aqueles que não cumprem com o que é estabelecido são considerados desviantes. Existe, assim, um sistema de comparação, em que todos são comparados a um modelo, e aquele que não se aproxima deste é considerado indisciplinado.

No espaço escolar todos os alunos são tratados de maneira que, as diferenças entre eles não são respeitadas, havendo uma uniformização dos comportamentos, que possibilita a diferenciação entre os “bons” e “maus” alunos. Nesta configuração, a escola controla os alunos que estão fora das normas, que possuem comportamentos desviantes e são exatamente estes alunos que mantêm a uniformização:

[...] a manutenção da uniformidade depende da existência de comportamentos ‘desviantes’, pois quem não cumpre



as normas e as tarefas obedientemente, logo é tomado pela escola como ponto de referência para que os outros tenham parâmetros dos comportamentos tidos como indesejáveis pela escola. O fato dos alunos serem discriminados ao não cumprirem suas tarefas cria neles um sentimento de culpa, a ponto de solicitarem ao professor uma chance para provarem que são bons alunos [...]. (GUIMARÃES, 1988, p. 97- 98).

A punição faz com que as pessoas aceitem serem punidas e possibilita aos indivíduos o estabelecimento de regras, ordens e novos hábitos, e tem como objetivo neutralizar os comportamentos afastando a rebeldia, a desordem e o perigo (GUIMARÃES, 1988).

Neste âmbito, a escola estabelece mecanismos de controle, como o uso do uniforme que permite identificar os sujeitos que ocupam o estabelecimento, como afirma Guimarães: “[...] É colocado ordem numa multiplicidade desordenada e confusa que é possível conhecer todas as pessoas não pela ‘cara’ como diz o aluno, mas pelo uso do avental, ou seja, não pelo que se é, mas pelo que significa usar ou não avental” (GUIMARÃES, 1988, p. 91).

O uso da carteirinha também é um mecanismo de controle, também rotula o indivíduo, é uma identificação para a sociedade, não estar com ela é sinônimo de estar desocupado, improdutivo:

Podemos dizer que a escola treina o futuro do cidadão ao regulamentar o uso da carteirinha. A exigência em portar esse documento se assemelha, de alguma forma, com a carteira de trabalho. É preciso andar sempre com ela para eventual necessidade de identificação junto a representantes da ordem, policiais, por exemplo. Não estar de posse desses documentos significa desleixo, atitude de desocupado, de gente improdutivo, e a punição deve servir de exemplo para que os ocupados não se atrevam a deixar de ser cidadãos produtivos. (GUIMARÃES, 1988, p. 92-93).

As notas também são uma forma de controle e fazem com que os professores exerçam sobre o aluno a vigilância permanente: “As boas e más notas, os bons e os maus pontos são fornecidos

de acordo com o comportamento dos alunos, exercendo sobre eles uma vigilância que classifica, qualifica e pune [...]” (GUIMARÃES, 1988, p. 98).

A observação realizada neste espaço é registrada, todas as informações são registradas nos seus mínimos detalhes; além disso, esses registros devem ser analisados:

A observação dos comportamentos é sistematicamente registrada; num livreto diário são anotados todos os atos dos alunos. Todas as informações, todos os detalhes são importantes e devem ser anotados e analisados. Uma fiscalização definida e regulada é inerente à prática pedagógica como uma espécie de máquina que estimula cada vez mais uma eficiência ‘econômica’ [...]. (BALEN, 1983, p. 90).

Este mecanismo é uma forma de controle que permite documentar as individualidades dos alunos. Os efeitos e resultados deste poder se dão por meio de novos conhecimentos, a partir da entrada dos indivíduos no campo do saber (GUIMARÃES, 1988).

A escola reproduz o poder disciplinar, através de vários mecanismos e isso resulta no funcionamento de uma nova rede de relações, Foucault citado por Guimarães (1988, p.37):

A escola é um aparelho que produz poder. É através da vigilância que se organiza um poder múltiplo, automático, anônimo, que atua sobre os indivíduos, fazendo funcionar uma rede de relações. Nas escolas, como nas prisões e nas fábricas, o aparelho inteiro produz poder e distribui as pessoas nesse campo permanente e contínuo.

Percebe-se que a escola não tem a preocupação com o aprendizado do aluno, mas ela está preocupada com os comportamentos desviantes que este possui: “[...] a escola não tem como preocupação básica o aprendizado do aluno e sim o controle do seu comportamento, não importando o que ele fez, mas o que ele foi, é ou poderá vir a ser” (GUIMARÃES, 1988, p. 102).

Em resumo, a escola é uma instituição controladora, normalizadora da sociedade, que está atenta aos desvios dos alunos, enquanto sujeitos desta sociedade:

[...] o interesse da escola atual reside nos seus resultados enquanto instituição normalizadora, com a função de classificar, de hierarquizar, de distribuir lugares. O que se visa é o controle dos desvios dos alunos enquanto indivíduos. [...] A escola, ao fracassar como escola, só faz reforçar as diferenças já trazidas pelos alunos, discriminando os bons dos maus, os comportados dos indóceis, os inteligentes dos menos dotados. A escola atual cria, com suas práticas pedagógicas, a possibilidade de esquadrihar comportamentos, efetuando-se sobre eles uma vigilância constante. (GUIMARÃES, 1988, p. 43-44).

As instituições escolares se apropriam do poder disciplinar para manter ordem e convívio social entre os sujeitos, ou seja, para enfrentar a desordem, a bagunça e o tumulto. Neste sentido, vamos analisar a concepção de indisciplina e disciplina nas escolas públicas e privadas, ressaltando as diferenças que existem entre elas, segundo a opinião dos profissionais que nelas estão inseridos.

### **3 A indisciplina sob o olhar os educadores de Mandaguauçu**

Considerando que a indisciplina é observada pelos educadores como um problema de grande relevância nos espaços escolares, percebe-se que a discussão em destaque está relacionada às causas e às formas de trabalhar com as manifestações de indisciplina. Muitas vezes as ações classificadas como indisciplina são várias, da mais importante até a menos importante, o que significa que há uma generalização.

Diante desta questão, estabelecemos como objeto deste estudo as concepções de indisciplina dos profissionais que atuam no espaço escolar, e o nosso objetivo geral é identificar as semelhanças e diferenças das concepções de indisciplina dos profissionais que atuam nos espaços escolares, nas modalidades pública e privada.

O universo da pesquisa se refere à totalidade dos educadores das escolas públicas e privadas do município de Mandaguáçu. Considerando que nos propomos a observar as diferenças e semelhanças das modalidades públicas e privadas, definimos uma amostra estratificada no qual determinamos dois estratos: estrato 1, escolas públicas e estrato 2, escolas privadas. Considerando que no município só existem duas escolas privadas, e que as elas se localizam no centro da cidade, o estrato 2 foi composto por estas duas escolas privadas e o estrato 1 pelas três escolas públicas que também se localizam no centro da cidade. As escolas públicas consideradas são Escola Municipal Santo Carraro, Escola Municipal Manoela Mazzei da Silva e Escola Municipal Gilson Belani e as escolas privadas Escola Primeiros Passos e Colégio São Francisco de Assis.

Dentro destes estratos os sujeitos da pesquisa se constituíram nos professores de 1<sup>a</sup> a 4<sup>a</sup> séries nas escolas privadas e nas escolas públicas, o primeiro e segundo ciclos, sendo aplicado o questionário para um professor por série, coordenador e diretor das escolas, num total de 30 questionários, sendo 12 nas escolas privadas, 17 nas escolas públicas (um não foi respondido). Para a coleta de dados utilizamos um questionário fechado, o qual subsidiou a tabulação e análise dos dados.

Segundo Perrenoud (2004), os ciclos de aprendizagem não possuem uma definição estável, mas para a compreensão ele se refere a profundas mudanças nas práticas e na organização da formação e do trabalho escolar. Este sistema é concebido como uma sequência de séries (ou níveis) anuais formando um todo. Desta forma, um estabelecimento escolar agrupa os alunos que frequentam o mesmo ciclo de estudos; assim existe dentro de um ciclo de estudos uma certa unidade de concepção dos objetivos, das disciplinas, dos programas e dos modos de ensino. Os professores têm uma formação e um estatuto homogêneos, dependem da mesma direção e do mesmo regulamento. Também se apresenta um ciclo de aprendizagem, um ciclo de estudos no qual não há mais reprovação.

O primeiro ponto a destacar na pesquisa é que, segundo a concepção dos educadores, diferentes ações são entendidas como indisciplina, e sua classificação segundo a gravidade não é homogênea:

ESCOLAS	AÇÕES MAIS GRAVES	AÇÕES MENOS GRAVES
Públicas	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Gestos obscenos;</li> <li>- Agredir fisicamente os colegas;</li> <li>- Responder ao professor;</li> <li>- Responder ao coordenador e diretor;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Gritar no corredor;</li> <li>- Correr no pátio;</li> <li>- Conversar em sala durante a aula;</li> <li>- Não usar uniforme;</li> </ul>
Privadas	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Responder ao professor;</li> <li>- Responder ao coordenador e diretor;</li> <li>- Agredir fisicamente os colegas;</li> <li>- Agredir verbalmente os colegas;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Correr no pátio;</li> <li>- Conversar em sala durante aula;</li> </ul>

Segundo os dados observados acima, podemos analisar que, em relação às ações mais graves, há uma diferença entre as opiniões dos profissionais das escolas públicas e das escolas privadas. Enquanto para os profissionais das escolas públicas os gestos obscenos são considerados uma ação grave, para os profissionais das escolas privadas agredirem verbalmente os colegas é tida como uma ação grave. Com relação às ações consideradas menos graves também existem diferenças; nas escolas públicas os profissionais consideraram as ações: gritar no corredor, correr no pátio, conversar em sala durante aula e não usar uniforme. Os profissionais das escolas privadas opinaram que apenas correr no pátio e conversar em sala durante a aula são considerados ações menos graves.

Consideramos que indisciplina para os profissionais são todas as ações que fogem às regras e normas e que propiciam a desordem, a bagunça, o perigo. E a disciplina por meio de seus mecanismos, faz com que prevaleça a ordem, afastando estes comportamentos inadequados, proporcionando a convivência entre os indivíduos.

Significa dizer que não existem ações mais graves ou menos graves; o que realmente interessa saber é que qualquer ação que não se enquadra nas normas e regras é considerada ato indisciplinar que, conseqüentemente torna o indivíduo indisciplinado aos olhos deles.

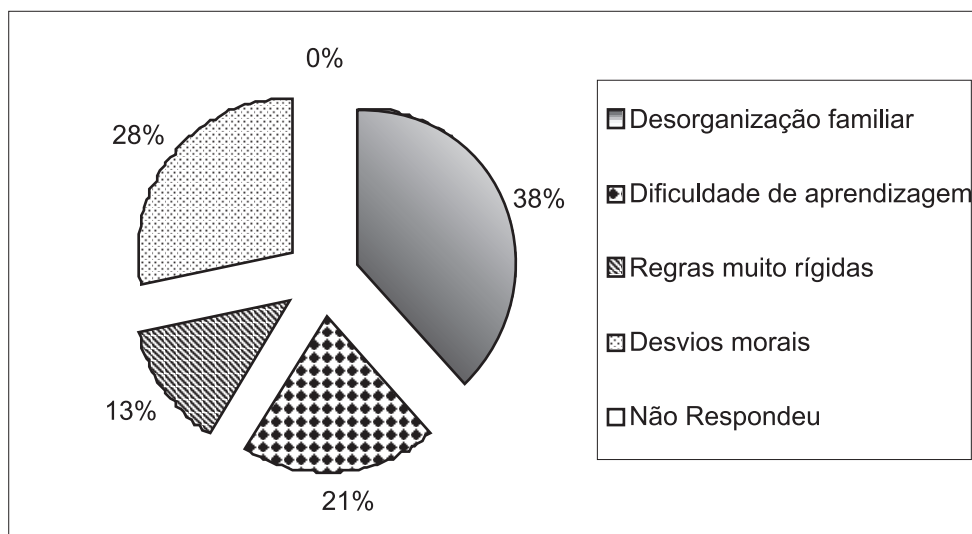
O poder disciplinar tem por objetivo destruir todos os obstáculos, dos mais simples até os mais complexos, estabelecendo, assim, relações saudáveis, com condutas condizentes com as normas e regras, afastando tudo o que é confusão e ameaças, como Foucault citado por Balen (1983, p. 83) afirma:

[...] Importa estabelecer as presenças e ausências, saber onde e como encontrar os indivíduos, instaurar as comunicações úteis, interrompendo as outras, poder a cada instante vigiar o comportamento de cada um, apreciá-lo, sancioná-lo, medir as qualidades ou os méritos. Procedimento, portanto, para conhecer, dominar e utilizar.

Podemos perceber que o que prevalece para o poder disciplinar é sempre o cumprimento das regras e normas, sendo importante ressaltar que, nos espaços escolares, há necessidade da ordem para executar o trabalho. E através da apropriação dos mecanismos disciplinares que os professores atingem seus objetivos, pois tornam os indivíduos submissos, afastando a desordem e o perigo que ameaça esta ordem.

Os gráficos abaixo demonstram, a partir da opinião dos sujeitos pesquisados, quais fatores estão relacionados ao surgimento da indisciplina:

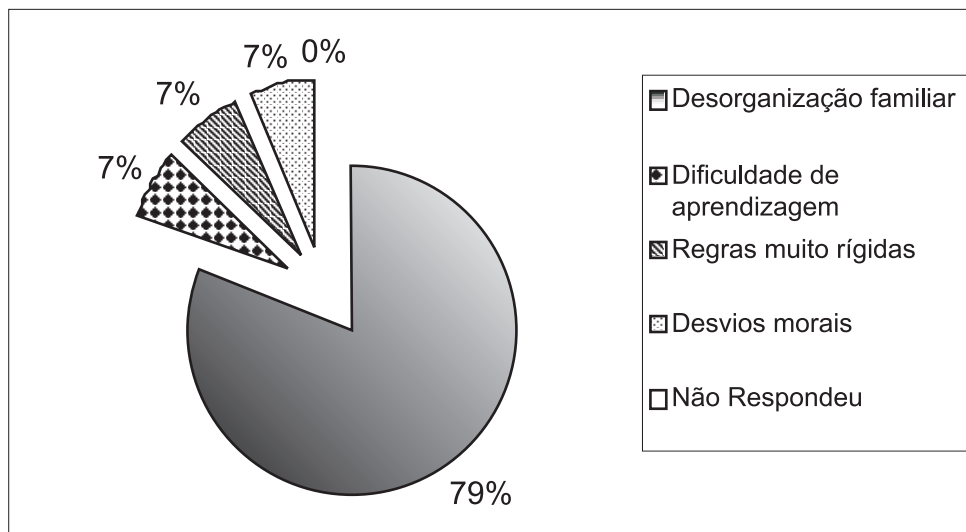
GRÁFICO 1 - Distribuição das opiniões dos profissionais das escolas públicas segundo as causas da indisciplina no espaço escolar - Mandaguaçu – 2008



Fonte: Pesquisa de campo (Dados trabalhados pelos autores)



GRÁFICO 2 - Distribuição das opiniões dos profissionais das escolas privadas segundo as causas da indisciplina no espaço escolar – Mandaguaçu-PR- 2008

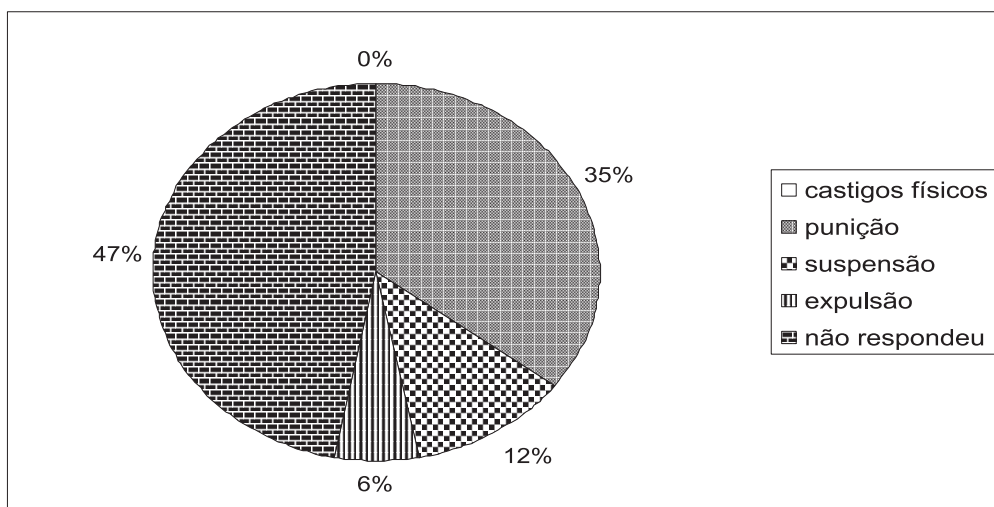


Fonte: Pesquisa de campo (Dados trabalhados pelas autoras)

Podemos analisar que as opiniões dos profissionais das escolas públicas e privadas são, no que se refere às causas de indisciplina, semelhantes, apenas diferenciado-se quanto à porcentagem, sendo a causa principal apontada a desorganização familiar. Para os profissionais das escolas públicas, as causas são diversificadas: 38% acreditam que a indisciplina está relacionada à desorganização familiar, 28% a relacionam aos desvios morais e 21% à dificuldade de aprendizagem. Nas escolas privadas prevalece a opinião, 79%, de que a indisciplina está atrelada à desorganização familiar. Isto nos aponta que na opinião dos profissionais das escolas, independentemente da modalidade, a indisciplina é analisada segundo o perfil do aluno, a sua história familiar e a sua aprendizagem. Se o indivíduo apresenta algum problema nestes aspectos é classificado como diferente e, sendo diferente, não está de acordo com as regras das escolas, portanto, ele é um aluno indisciplinado e os profissionais, em sua maioria, culpam a família pela falta de disciplina da criança na escola. Na opinião dos sujeitos de nossa pesquisa, é a família que deve ensinar à criança as regras e normas e prepará-la para o convívio social.

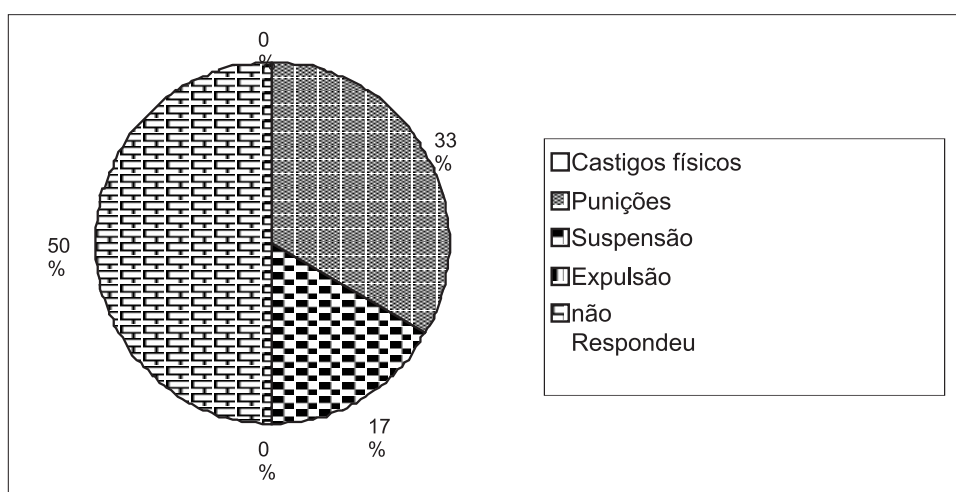
Nos gráficos abaixo podemos analisar quais são os mecanismos que devem ser aplicados para combater a indisciplina escolar, segundo a opinião dos profissionais:

GRÁFICO 3 - Distribuição das opiniões dos profissionais das escolas públicas em relação à superação da indisciplina no espaço escolar Mandaguauçu - 2008



Fonte: Pesquisa de campo (Dados trabalhados pelos autores)

GRÁFICO 4 - Distribuição das opiniões dos profissionais das escolas privadas em relação à superação da indisciplina no espaço escolar Mandaguauçu - 2008



Fonte: Pesquisa de campo (Dados trabalhados pelos autores)

Os dados acima demonstram que tanto os profissionais das escolas públicas, 47%, quanto das escolas privadas, 50%, não opinaram nesta questão. Estes dados podem nos sugerir duas possibilidades de análises. Primeiro, que eles não sabem como tratar a indisciplina e, provavelmente, acreditam que a indisciplina está relacionada a fatores externos ao contexto escolar, e ela deve ser tratada junto às famílias e, se for mais grave, quando, na opinião, deles já se tornou uma patologia, com especialistas. A segunda possibilidade é

que os sujeitos pesquisados não foram contemplados com nenhuma das alternativas, ou seja, que nenhuma destas alternativas poderá ter resultados positivos em relação à indisciplina.

Quanto aos que opinaram, podemos colocar que, segundo Foucault, o poder disciplinar tem por objetivo criar a ordem na sociedade e, para que isso ocorra, possui seus mecanismos, e se o aluno cometer alguma ação que foge às regras e normas estabelecidas, estará sendo indisciplinado, estará criando a desordem e o tumulto, e, por isso, deve ser punido, para assim, afastar a ameaça à ordem. Como Foucault citado por Balen (1983, p. 79) descreve, o poder disciplinar tem por finalidade punir e transformar os indivíduos que colocam em perigo a ordem, transformando assim a sua realidade:

A tarefa de ajustar os indivíduos ‘inúteis’ aos aparelhos de produção coloca-se, portanto, em termos de disciplina, que “pode fazer diminuir a ‘desutilidade’ dos fenômenos de massa: reduzir aquilo que, numa multiplicidade, faz com que esta seja menos manejável que uma unidade; reduzir o que se opõe à utilização de cada um de seus elementos e de sua soma; reduzir tudo que nela possa anular as vantagens do número; é por isso que a disciplina fixa, ela mobiliza ou regulamenta os movimentos; resolve as confusões, as aglomerações compactas sobre as circulações incertas, as repartições calculadas. Ela deve também dominar todas as forças que se formam a partir da própria constituição de uma multiplicidade organizada; deve neutralizar os efeitos do contrapoder que dela nascem e que formam resistência ao poder que quer dominá-la: agitações, revoltas, organizações espontâneas, conluíus – tudo o que pode se originar das conjunturas horizontais [...].

E temos também de considerar que ninguém escapa das malhas deste poder, pois todos são vigiados e controlados por ele, ou seja, os indivíduos ficam subordinados a este poder, e: “[...] A escola e suas técnicas disciplinares fazem com que as pessoas aceitem o poder de punir e de serem punidas” (GUIMARÃES, 1983, p. 39).

A punição também aparece nas opiniões como forma de superar a indisciplina escolar: 35% dos profissionais das escolas públicas

e 33% das escolas privadas acreditam que a indisciplina deve ser tratada a partir da punição, ou seja, os alunos que cometem ações que infringem as regras devem ser punidos ou afastados, assim se evitam o tumulto, a desordem e a bagunça, possibilitando o convívio social aos demais.

Os sujeitos que estão inseridos na escola precisam respeitar, primeiramente, as normas e regras. Se não as respeitam por qualquer motivo, ou apresentam um comportamento inadequado à regra, são rotulados como indisciplinados por todos e é esse tipo de exclusão que o indivíduo sofre, pois ele é separado dos demais e participa do grupo em que os indivíduos são considerados desviantes, que não estão aptos ao convívio social, como Foucault citado por Guimarães afirma (1988, p.39):

[...] As punições ao serem feitas não têm como objetivo acabar com os infratores, mas distingui-los, diferenciá-los, separá-los como grupo restrito e fechado que caracterizam “a desordem, o crime, a loucura”.

### **Considerações finais**

Este trabalho contribuiu para identificarmos que, nas opiniões dos educadores das escolas públicas e privadas, há semelhanças no que se refere à concepção de indisciplina no meio escolar. Em geral, indisciplina significa o não cumprimento de regras e normas estabelecidas, determinando-se como um elemento indesejável.

Constatamos também que as escolas estabelecem um modelo padrão igualitário para todos os sujeitos que nela estão inseridos; todos são submetidos a este modelo e quem não se enquadra é classificado como desviante, independentemente da causa. Assim, a atuação do poder disciplinar nas instituições de ensino é uma realidade.

Os profissionais também nos apontaram que as causas da indisciplina são externas ao espaço escolar e que, especificamente, estão relacionadas à família. No entanto, temos que considerar que tanto a escola como as famílias são instituições disciplinares, que se apropriam de mecanismos e dispositivos para ter o controle do indi-

víduo e adestrá-lo para o convívio social. Porém, as regras de uma instituição para outra se modificam, pois cada uma decide de acordo com o seu conhecimento e com base no que acreditam proporcionar resultados positivos. Neste sentido, quando as crianças se deparam com regras diferentes do seu cotidiano, há manifestação de conflitos e, possivelmente, da indisciplina.

Outro fator considerado relevante está relacionado às superações da indisciplina no espaço escolar. Na opinião dos sujeitos pesquisados há várias possibilidades de solução, como o acompanhamento da família, de especialistas e também a punição. O acompanhamento da família e de especialistas foi citado com bastante frequência pelos sujeitos pesquisados. Isto reafirma que, mais uma vez o olhar dos educadores recai sobre os aspectos específicos da vida e dos comportamentos dos indivíduos, desconsiderando que o espaço escolar é permeado por uma relação dinâmica entre os sujeitos que o habitam e que estes constroem o processo indisciplina e disciplina.

## REFERÊNCIAS

BALEN, Age Deodorus Jozef Van. *Disciplina e controle da sociedade: análise do discurso e da prática cotidiana*. São Paulo: Cortez, 1983.

DEPARTAMENTO de Educação Cultura e Esporte de Mandaguçu. Dados de estabelecimentos de ensino municipais -Mandaguçu/2008, 2008.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização e tradução Roberto Machado. 17. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

\_\_\_\_\_. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. 33. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

GOMES, Romeu. A análise de dados em pesquisa qualitativa. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. 23. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

GUIMARÃES, Áurea Maria. *Vigilância punição e depredação escolar*. 2. ed. Campinas: Papyrus, 1988.

MACHADO, Roberto. Introdução: por uma genealogia do poder: IN: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 17 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

MEC, Ministério da Educação. IDEB, Índice de desenvolvimento da educação básica. Disponível em: < <http://ideb.inep.gov.br/Site/>>. Acesso em: 6 ago. 2008

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

\_\_\_\_\_. Ciência, técnica e arte: O desafio da Pesquisa Social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 23. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

NETTO, José Paulo. *Capital monopolista e serviço social*. 3. ed. ampl. São Paulo: Cortez, 2001.

\_\_\_\_\_. et al. Transformações societárias e serviço social: notas para uma análise prospectiva da profissão no Brasil. *Revista Serviço Social & Sociedade*, São Paulo, v. 18, n. 50, p. 91-92- 98, abr. 1996.

PERRENOUD, Philippe. *Os ciclos de aprendizagem: um caminho para combater o fracasso escolar*. Tradução Patrícia Chittoni Ramos Reuillard. Porto Alegre: Artmed, 2004.